

COMBATE À DESINFORMAÇÃO, APOIO ÀS COMUNIDADES CARENTES E A CPI DA COVID: a trilha do PET Ciências em busca da formação cidadã

FIGHTING DISINFORMATION, SUPPORTING NEEDY COMMUNITIES AND COVID'S CPI: the path of PET Sciences in search of citizenship education

Thaís Sabatovicz Paiva¹ - UnB
Alex Gabriel Cajado² - UnB
Eduardo Bessa³ - UnB

RESUMO

A universidade e os grupos PET vivem um dilema entre formar cidadãos para a sociedade que existe e formar cidadãos transformadores dessa sociedade. Uma iniciativa desenvolvida pelo PET Ciências UnB foi capaz de amarrar essas duas necessidades com a criação de um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* para ajudar moradores da periferia de Brasília a combater a COVID-19. Os estudantes exercitaram a busca de informações e sua aplicação ao controle da pandemia e a comunicação clara e empática com o público leigo. Essa prestação de serviço social culminou na checagem de fatos e elaboração de perguntas para a CPI da COVID-19. O PET Ciências atuou para mudar a sociedade ao mesmo tempo que investia em formar seus membros. Os estudantes descobriram-se capazes de transformar a realidade usando empatia, senso crítico e uma conexão com a internet.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; Transformação social; Controle da pandemia.

ABSTRACT

University and tutoring educational program (PET) groups face a dilemma between educating for the society that exists and educating transformative citizens to transform that society. An initiative developed by PET Ciências UnB was able to tie these two needs with the creation of a Whatsapp group to help residents of the outskirts of Brasília fight COVID-19. Students exercised the search for information and its application to pandemic control and clear and empathic communication with the lay public. This provision of social service culminated in fact-checking and preparation of questions for the COVID-19 parliament investigation commission. PET Ciências acted to change the society in which it is inserted while investing in training its members. Students found themselves able to transform reality using empathy, critical sense and an internet connection.

KEYWORDS: COVID-19; Social transformation; Pandemic Control.

DOI: 10.21920/recei72021724174183
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72021724174183>

¹PETiana do Grupo PET Ciências UnB. Bacharelanda em Gestão Ambiental na Universidade de Brasília. E-mail: thais.sabatovicz@aluno.umb.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4295-4534>.

²PETiano do Grupo PET Ciências UnB. Licenciando em Ciências Naturais na Universidade de Brasília. E-mail: gabriel.cajado.f@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6963-6777>.

³Doutor em Biologia Animal pela UNESP. Tutor do Grupo PET Ciências UnB. Professor de Zoologia na Faculdade de Planaltina da Universidade de Brasília. E-mail: edu_bessa@yahoo.com / ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0606-5860>.

INTRODUÇÃO

O ensino superior tem, frequentemente, um papel mais pragmático de construir habilidades aplicadas e formar profissionais para se enquadrar nas demandas da sociedade do que um papel na construção de pensadores críticos capazes de analisar, criticar e transformar essa sociedade em algo melhor (Goergen, 2010). Apesar disso, a insatisfação com a sociedade que está posta torna fundamental que se intervenha nela. O manual do programa de educação tutorial informa que o objetivo do Programa de Educação Tutorial - PET é ampliar as experiências dos estudantes não só no que diz respeito à formação acadêmica, mas também à formação cidadã, com percepção da responsabilidade coletiva e compromisso social (EDUCA, [s.d.]). O PET pretende “promover a formação ampla [...] estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes” (MEC, 2006, p. 7). Assim, o Programa de Educação Tutorial pretende oportunizar a seus membros uma formação para além da aquisição de conhecimento técnico útil à sociedade, aparelhando-os para transformar essa sociedade em direção a algo que idealize como melhor. Não é um objetivo alcançado facilmente, mas é um ideal que vale a pena perseguir.

O grupo PET Ciências foi criado em 2010 no campus de Planaltina da Universidade de Brasília com o objetivo de realizar a educação em Ciências de forma ampla. Esse grupo PET sempre percebeu a divulgação científica como uma empreitada urgente (ESCOBAR, 2018) e a educação informal como um caminho para um ensino de ciências mais lúdico e continuado (MARANDINO, 2017). Até 2019 o grupo levava experimentos a escolas, fazia debates de filmes de ficção científica, produzia programas de rádio sobre pesquisas da UnB (NACIONAL, 2019) e propiciava a formação continuada de professores de ciências. A partir de 2020 ele foi obrigado a realizar ações online, como um programa de *podcast*, em decorrência da suspensão das atividades presenciais e da proibição de eventos com aglomeração como medidas de prevenção da Covid-19.

Covid-19 é a abreviação que se dá para a da Doença do Coronavírus 2019. Os coronavírus são vírus que infectam humanos e animais, descritos pela primeira vez em 1966 (VELAVAN; MEYER, 2020). O vírus da Covid-19 é estruturalmente relacionado ao vírus SARS já conhecido e que causa a Síndrome Respiratória Aguda, dando ao novo Coronavírus a denominação de SARS-CoV-2, o vírus que transmite a Covid-19. Reconhecido pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na província de Hubei na China (FAUCI; LANE; REDFIELD, 2020), o novo Coronavírus causou uma epidemia mundial em menos de um mês quando, em janeiro de 2020, a OMS declarou emergência de saúde global (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020).

Em 26 de fevereiro de 2020, o ‘paciente zero’ chegou ao Brasil vindo da Itália e, à essa época, já eram registrados dezenas de casos de infecção pelo novo Coronavírus na Europa e na China. O paciente se recuperou e, apesar de não ter sido o responsável pela disseminação da doença no país, após sua entrada em território nacional centenas de outros casos de infecção por Covid-19 começaram a surgir. Em março de 2020, houve o primeiro óbito pela doença (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020) e desde então, mais e mais óbitos e infecções vieram a acontecer, resultando em mais de meio milhão de óbitos por Covid-19 em 19 de junho de 2021 e mais de 14 milhões de casos confirmados do novo Coronavírus (BRASIL, 2021), lotando e sobrecarregando cemitérios e unidades de tratamento intensivo ao redor do país.

Os aglomerados subnormais são ocupações ilegais de propriedades alheias para habitação em áreas urbanas com um padrão urbanístico irregular e comumente com carência de serviços públicos essenciais e, no Brasil, são mais frequentemente reconhecidos como favelas,

invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros (IBGE, 2020). Nesses lugares, a realidade que se insere na pandemia do coronavírus é ainda mais grave. A falta de acesso à serviços básicos como saúde e educação torna a situação mais delicada, e as medidas mínimas de proteção parecem, por vezes, inacessíveis. Comprar álcool 70% com o valor hiperinflacionado, por vezes chegando até 400% do valor no mercado brasileiro (Peres, 2020), manter o distanciamento social e seguir as demais medidas de distanciamento e segurança parecem antagônicas em relação à estrutura econômica e mercado de trabalho do brasileiro que vive em periferias dentro das condições pandêmicas, onde suas desigualdades estruturais são realçadas pelo desemprego e o trabalho informal sobretudo em jovens, mulheres, pretos e pardos (IBGE, 2020).

A pandemia virou de ponta-cabeça a vida de quase todos os que dependem de subempregos para sobreviver. Lojas fechadas, ruas interditadas, aglomerações proibidas, toque de recolher: tudo que o trabalhador autônomo temia. Pessoas que não tem condições de trabalhar em *home office*, com pouco ou nenhum acesso à internet, filhos para criar, bocas para alimentar e apenas um auxílio emergencial de R\$ 375,00 ou menos para ajudar (CAIXA, 2021). Muitos não podem se dar ao luxo de depender desse auxílio durante toda a pandemia nem mesmo se apoiar nas medidas de proteção como uma garantia de que não vão se contaminar, tendo ainda que enfrentar os transportes públicos e aglomerações para conseguir uma renda, refletindo a falta de oportunidade e invisibilidade no mercado de trabalho e, assim, sendo obrigados a se expor ao vírus que matou meio milhão de brasileiros.

Como se enfrentar a pandemia não fosse suficientemente arriscado, o brasileiro ainda precisa enfrentar o desafio das *fake news*: notícias falsas e sem comprovação deliberadamente distribuídas em diversas mídias, especialmente por meio de redes sociais e em veículos de baixa seletividade ou com cobertura enviesada (KALSNES, 2018). As *fake news* ficaram fortemente conhecidas com as eleições presidenciais norte-americanas de 2016 (BOVET; MAKSE, 2019) e brasileiras de 2018 (ALMEIDA, 2018). Elas pretendem desinformar o leitor e vêm sendo disseminadas desenfreadamente desde então. Dentro do contexto pandêmico e em busca de informações relevantes que ajudem a combater o vírus mortal, é preciso ser constantemente cauteloso quanto às informações acessadas de forma que haja sempre a averiguação da veracidade das mesmas (NETO et al., 2020), bem como suas fontes.

Em termos de saúde pública, é fundamental dispor de informação de qualidade para alcançar o bem-estar da população (ABOUZAHRA; BOERMA, 2005), e um dos primeiros passos da recuperação durante uma pandemia é conscientizar a população. Contudo, os órgãos de saúde e informação mundo afora lutam para desmentir a quantidade de informações falsas que são repassadas entre as mídias, especialmente quando as informações falsas entram em consonância com as crenças, preconceitos e a percepção de risco de quem as recebem (SEYOYONG; SUNHEE, 2020). Com a ajuda da tecnologia atual, as informações estão mais acessíveis do que nunca e as redes sociais as transmitem e divulgam em alta velocidade (RECUERO; GRUZD, 2019). O mesmo acontece com as *fake news*, que passam a ser rapidamente espalhadas e acessadas e, juntamente com a falta de averiguação da veracidade da informação por parte do leitor, cada vez mais atrapalham a luta contra a Covid-19.

A interrupção das atividades presenciais e toda a situação causada pela pandemia de COVID-19 alterou o funcionamento do Grupo PET Ciências. Os efeitos da pandemia, em especial nas periferias, como Planaltina (onde está o *campus* da UnB que sedia o Grupo PET Ciências e onde boa parte dos PETianos vive), foram sentidos pelo PET Ciências, que então resolveu intervir nessa realidade criando um grupo de *Whatsapp* para combater a desinformação e adequar as medidas de combate à COVID-19 para a realidade da periferia.

DESENVOLVIMENTO

No dia 1º de abril de 2020 foi ao ar o grupo PET COVID-19. Seu objetivo era proporcionar um canal confiável e rápido para que a população pudesse tirar dúvidas sobre COVID-19, adequar medidas de proteção contra o vírus e combater notícias falsas. O público-alvo do grupo, portanto, eram moradores da periferia de Brasília, em especial, mas não somente, Planaltina, cidade satélite do Distrito Federal. Em seu lançamento, o grupo foi divulgado para conhecidos nas redes de contato do próprio PET Ciências, mas em alguns meses o grupo já alcançava o máximo de 256 membros estipulado pelo próprio aplicativo, marca que tornou a ser atingida diversas vezes desde então. No momento, o grupo conta com 226 participantes e recebe em média três perguntas por dia, embora em dias mais intensos cheguem a até 15 questionamentos. As perguntas são respondidas, em geral, nas 24 horas seguintes.

Alguns temas muito recorrentes incluíam receitas caseiras para evitar a COVID-19, como o consumo de alho ou água quente; a validade do chamado tratamento precoce, incluindo cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina e nitazoxanida; práticas de higiene, como por exemplo a lavagem das mãos, uso de álcool gel, lavagem de roupas, calçados e cabelos; perspectivas epidemiológicas da doença, se haveria novas ondas de contágio, se medidas preventivas fariam efeito; e imunização, tipos de vacina, sua eficácia e segurança.

De segunda a sexta-feira o grupo é aberto para o envio de perguntas às 8 horas da manhã e fica disponível até meio-dia. A partir daí, os membros do PET Ciências se organizam para pesquisar o assunto, consultar fontes oficiais e confiáveis e responder as perguntas. Novos membros do grupo passaram por um treinamento com os mais experientes e tiveram suas respostas avaliadas por esses membros por um mês antes de começarem a contribuir independentemente. Durante o ano de 2020, o grupo manteve um registro das perguntas mais recorrentes no site www.canalpetciencias.wixsite.com/petcovid19. Já em 2021, os tópicos de discussão mais populares são reproduzidos no *Twitter* do PET Ciências, onde mais discussões ocorrem em decorrência da amplitude de visualização, contando no momento com 185 seguidores nessa rede social.

Algumas das práticas importantes do grupo foram fundamentais para o sucesso do trabalho. A primeira delas envolve citar fontes confiáveis para as informações, em que a citação de fontes é considerada uma das bases da construção de confiança diante da infodemia que acompanhou a pandemia de COVID 19 (LIMAYE et al., 2020). Também busca-se evitar a politização dentro do grupo. Embora a política permeie as relações de poder em sociedades (MAAR, 2017), ela está presente numa esfera tão ampla que seria impossível excluí-la do que publica o grupo. No entanto, o grupo evitou atribuir nominalmente culpa a determinados agentes públicos, preferindo se posicionar diante das ações propostas, coibir o proselitismo partidário, inclusive entre os usuários, e rejeitar adjetivações depreciativas em relação a qualquer dúvida enviada pelos usuários do grupo pois essas dúvidas frequentemente refletiam um posicionamento político pessoal. É provável que este posicionamento sóbrio permitiu uma convivência pacífica de pessoas de todo o espectro político ideológico dentro do grupo.

Outra medida importante foi responder às perguntas de forma direta e tão objetiva quanto possível, atentando sempre ao que estava sendo de fato perguntado. Por exemplo, um usuário enviava uma mensagem recebida em outro grupo alegando que determinada vacina era perigosa por um dado motivo e, ao final, perguntava se era seguro tomar a vacina. Apesar da inclinação inicial ser a de derrubar os argumentos da mensagem que atacava a vacina, foi necessário criar o hábito de começar respondendo diretamente se a vacina era ou não segura. Por fim, mesmo em momentos muito sérios da pandemia, evitou-se adotar um tom catastrófico ou utilizar de

consequências extremas (*sensu* Schopenhauer, 1997) de forma a convencer os usuários. A intenção era adotar um tom mais ameno e positivo do que gerar o pânico. Todas essas medidas foram fundamentais na conquista da credibilidade dos usuários.

Algumas manifestações dos usuários do grupo nos mostraram que os trabalhos estavam sendo bem recebidos. A usuária Maria Augusta escreveu “As respostas de vocês, rigorosamente científicas, nos ajudaram muito a enfrentar essa doença fatal, que muito nos assusta e causa medo”. Já o participante Carlos Fred Exbeeriece disse “O trabalho de vocês é uma luz nessa época de trevas e retrocessos”. E a usuária Marly Froes agradeceu pelo “comprometimento com a verdade científica, pela disponibilidade com as pessoas, pela paciência em responder algumas mesmas perguntas várias vezes.” Já o usuário Fernando, numa das mensagens de estímulo mais emocionantes recebidas no grupo disse “olhem para esse trabalho voluntário que vocês estão fazendo, que eu sei vem do fundo de seus corações, e estejam certos de que estão fazendo e sempre farão a escolha certa.” Por fim, Bruno Lara, um servidor da UnB que recomendou o grupo a vários parentes contou que observou esses parentes mudando seus hábitos em resposta ao que leram no grupo. Isto levou o Grupo PET COVID-19 ao último estágio da jornada do influenciador digital: 1) produzir conteúdo de forma contínua; 2) construir uma reputação; e 3) influenciar decisões e comportamentos (KARHAWI, 2017). Essa mudança de comportamento informada pelo grupo, ainda segundo o colega Bruno Lara, provavelmente resultou em vidas salvas ao longo dessa pandemia, que era um objetivo grandioso pretendido pelo grupo desde sua concepção.

Ao passo que o grupo começou sendo divulgado apenas entre os contatos dos próprios membros do PET Ciências, ele rapidamente ganhou visibilidade. Já nos primeiros meses de atuação fomos listados pelo Instituto Marielle Franco como uma das iniciativas de combate à COVID-19 nas periferias em seu Mapa Corona nas Periferias. O grupo também figurou em matérias como a do Correio Braziliense em 17 de agosto de 2020, onde informou que “Para evitar a propagação de *fake news*, alunos do PET Ciência da Universidade de Brasília criaram um grupo para esclarecer dúvidas sobre a covid-19, principalmente para pessoas com baixa escolaridade e sem acesso à informação”. Já o Jornal de Brasília contou que “quando Alex Gabriel, 22 anos, teve a ideia de criar um grupo de *WhatsApp* para desmentir *fake news* relacionadas à pandemia de coronavírus, não imaginava que o projeto faria tanto sucesso”. Uma matéria mais aprofundada foi publicada na Revista Questão de Ciência, contrapondo argumentos a uma *live* promovida pelo Jornalista Alexandre Garcia com diversos médicos defendendo tratamento da COVID-19 com remédios ineficazes. Houve ainda matérias na TV Record, no DF TV, da Rede Globo e na UnB TV.

Outro desdobramento do trabalho do grupo foi um convite para assessorar a *Starnet*, uma rede de comunicação de servidores do Banco Central do Brasil em sua retomada das atividades presenciais. O evento ocorreu no dia 11 de julho de 2020 e visou analisar as principais medidas para a retomada presencial da forma mais segura possível e também tirar dúvidas dos participantes. O resultado, que não decorreu apenas de nossa participação, mas teve influência dela, foi que ocorreu a suspensão da retomada presencial, e agora apenas atividades essenciais se mantêm ocorrendo no edifício sede.

A CPI E O GRUPO PET COVID-19

Em 13 de abril de 2021, o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) enviou ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, o requerimento de criação da CPI da Covid. O documento estipulava que essa Comissão Parlamentar de Inquérito ficaria responsável por investigar ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus no Brasil, bem como o colapso de saúde no estado do Amazonas. Contudo, o presidente do Senado anexou ao pedido de Rodrigues outro requerimento de criação de CPI, este feito pelo senador Eduardo Girão (Podemos-CE), que sugeriu investigar aplicações de recursos federais por estados e municípios frente ao combate à pandemia, ampliando o escopo do colegiado (SENADO FEDERAL, 2021). O presidente do Senado afirmou que uniu ambos os requerimentos por tratarem de matéria conexa relativas ao enfrentamento e combate à pandemia da COVID-19, mas as matérias de competência constitucional atribuídas aos estados, Distrito Federal e municípios não seriam objeto da CPI, assim como é determinado o Regimento Interno do Senado Federal. Desse modo, surgiu, então, a CPI da Covid.

Criada essa CPI, Eduardo Pazuello, ex-ministro da saúde, deu seu depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19 no dia 19 de maio de 2021, quando, durante o andamento das oitavas, foi repreendido pelo presidente da CPI, o senador Omar Aziz (PSD-AM). Durante sua fala, Pazuello criticou as perguntas feitas pelo relator Renan Calheiros (MDB-AL) alegando que eram concretas e objetivas e requeriam respostas à mesma maneira, apenas ‘sim’ ou ‘não’, e pediu para que não fossem feitas. Devido ao seu pedido, Aziz o repreendeu afirmando que o ex-ministro lá estava apenas para responder as perguntas e quem decidiria o que perguntar seriam os senadores que estavam presentes para exercer tal obrigação.

Após a oitava de Eduardo Pazuello, o relator Renan Calheiros propôs ao presidente da CPI a contratação de uma agência de checagem de fatos para verificar em tempo real as informações dos depoentes. O relator acredita que o ex-ministro da saúde teria mentido em demasiado durante seu depoimento, além de ter fornecido informações imprecisas. Entretanto, a Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19 desistiu de contratar agências de checagem de fatos devido ao trâmite burocrático e extenso que seria necessário, alegando que esse procedimento tomaria muito tempo. Encontraram, então, uma solução: formaram um grupo com técnicos do Senado e voluntários que se dispuseram a colaborar com a checagem e compuseram a própria agência de checagem da CPI.

Em decorrência desses eventos e da ação do PET Ciências no Grupo PET Covid-19, o PET Ciências foi convidado por Ana Cristina Barros, assessora parlamentar de Randolfe Rodrigues, para elaborar perguntas e fazer checagem de fatos durante a oitava da médica Mayra Pinheiro, secretária de Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde do Ministério da Saúde. Nos dias que antecederam a oitava, o PET Ciências recolheu falas públicas da secretária em relação ao combate à pandemia e elaborou perguntas a serem apresentadas a ela pelos senadores Randolfe Rodrigues, Alessandro Vieira (Cidadania-SE) e Renan Calheiros (MDB-AL). Durante a oitava, os PETianos ficaram em uma sala de reuniões virtual em contato com assessores dos três senadores reunindo declarações da secretária e passando aos assessores análises de dados que iam desde a checagem do currículo da secretária até a contraposição das falas durante a CPI frente a declarações anteriores ou a estudos científicos. O grupo PET Ciências tornou a enviar contribuições nas oitavas de Nise Yamaguchi e Dimas Covas.

CONCLUSÃO

Ao passo que a atuação do grupo PET Ciências e do PET Covid-19 promove engajamento social para os discentes e os permite se envolver com atividade e oportunidades que muitas vezes apenas o PET pode oferecer com tanta intensidade, o grupo também promove a estruturação cidadã individual dos participantes através da quantidade de conhecimento acadêmico, mas principalmente das oportunidades de engajamento social que são compartilhados, bem como as experiências passadas pelos veteranos aos novos PETianos. Após o processo de redemocratização do Brasil, uma série de documentos ressaltaram a importância da educação cidadã na década de 1990, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (SILVA; SILVA, 2017) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1997).

De acordo com Venera (2009, p. 232), “esses documentos regularam os sentidos dos discursos de liberdade, autonomia, participação de todos, postura crítica, e que orientam a construção do cidadão”. A mesma autora sugere que a democracia e o Estado que desejamos “precisa da escola como dispositivo para a construção de subjetividades cidadãs” (VERENA, 2009, p. 239). Segundo Goergen (2010, p. 60) educação cidadã pode ser “entendida como educação favorável à integração social e noutros como educação para a autonomia [...]”. Já Antunes e Padilha (2000, p. 15) definem educação cidadã como aquela que “defende e educa para o exercício de direitos, para o fim dos privilégios, para o fim da corrupção, da exploração, da injustiça”. O problema que cerca a universidade é que, muitas vezes, ela mais dedicada a produzir profissionais úteis à sociedade atual do que produzir agentes de transformação dessa mesma sociedade (GOERGEN, 2010). Durante sua atuação no Grupo PET COVID-19 e na CPI da pandemia, os membros do Grupo PET Ciências foram a fundo nesse processo de formação cidadã, atuando intensamente na transformação da sociedade em direção a uma realidade desejada.

Em contrapartida, olhar o PET de um ponto de vista acadêmico torna possível notar que muito conhecimento científico é agregado à bagagem dos estudantes que se dedicam ao programa. O grupo PET COVID-19 é rico em agregar em diversos aspectos, principalmente no que diz respeito à comunicação com o público leigo de maneira empática, análise crítica de informações, interpretação e comunicação de dados científicos. Considera-se que estas habilidades são fundamentais para graduandos dos três cursos abrangidos pelo PET Ciências, que são: Licenciatura em Ciências Naturais, Gestão do Agronegócio e Gestão Ambiental. Apenas a título de exemplo, ser capaz de triar informações, discernir entre informações verdadeiras e falsas, úteis e inúteis e aplicar essas informações na resolução de um problema concreto foi elencado como o cerne das dificuldades contemporâneas (DIMENSTEIN; CORTELLA, 2016). Um estudo feito entre empregadores e universitários na Rússia indicou que ao passo que os empregadores atribuíram nota 7,8 (em 10) para a importância de seus futuros funcionários serem capazes de analisar criticamente informações, universitários atribuíram nota 4,5 à própria capacidade de análise crítica aprendida na universidade (GRUZDEV et al., 2018). Esta foi exatamente a habilidade mais exercitada no grupo PET COVID-19. Da mesma forma, outras habilidades como empatia, capacidade de comunicação, organização do tempo e proatividade figuraram entre as mais valorizadas em cargos de liderança em educação e administração (ABUJBARA; WORLEY, 2018), sendo também regularmente exercitadas entre os PETianos.

Vários caminhos trilhados pelo PET Ciências contribuíram para alcançar os resultados educacionais reportados nesse artigo, onde o principal deles talvez seja a horizontalidade das tomadas de decisão no Grupo. Quando o PETiano Alex Gabriel Cajado teve a ideia de criar o PET COVID-19, o tutor Eduardo Bessa se opôs à ideia. Na concepção do tutor, a proposta quixotesca seria inviável num território dominado pela desinformação como

o aplicativo *Whatsapp*. Mensagens advindas desse aplicativo em questão sobre saúde foram potencialmente enganosas em 59% das vezes e absolutamente falsas em 27% (AL KHAJA et al., 2018). A proposta foi apresentada ao restante do grupo, que decidiu apoiar o PETiano e não o tutor, colocando a proposta em prática. Essa atitude não teria sido possível sem horizontalidade.

Outro caminho fundamental foi o da preocupação com a população circundante, as ações do PET Ciências sempre foram direcionadas à comunidade que o cerca, desde as visitas a escolas em unidades socioeducativas, escolas rurais e até apresentações para os funcionários da limpeza, segurança e do restaurante universitário do *campus* de Planaltina da UnB. A mesma dedicação a Planaltina levou ao ar o programa de divulgação científica *Facilitaí* numa rádio comunitária da cidade, a Utopia FM. Foi essa dedicação à comunidade circundante que levou à criação do grupo PET COVID-19 para informar e proteger a sociedade planaltinense. Outro caminho trilhado dizia respeito não só à precisão da informação, mas também sua acessibilidade. O próprio nome do programa de rádio, que posteriormente tornou-se um *podcast*, remete em linguagem jovem e descontraída à necessidade de tornar as pesquisas realizadas pelos melhores cientistas da UnB acessível ao público: *Facilitaí* (RODRIGUES et al., 2019). O conhecimento ganho nas visitas às escolas, em ações como o *Pint of Science* Brasília (também coordenado pelo PET Ciências UnB) e na rádio acabou no aparelhamento do PET Ciências para responder de forma precisa e acessível às dúvidas do público. Da mesma forma, encontrar imprecisões na informação apresentada por interrogados da CPI da COVID-19 foi possível graças a esse treinamento prévio.

O PET Ciências deve manter o grupo no aplicativo *Whatsapp* pelos próximos meses enquanto obtiverem um público alto, bom fluxo de perguntas e enquanto a imunização de cerca de 75% dos brasileiros não é alcançada. Novas oportunidades como a participação na CPI serão abraçadas de forma a contribuir com o Brasil e com a formação dos membros do PET. Em paralelo, pretende-se iniciar ações com foco no ensino de ciência, tecnologia e sociedade; educação ambiental; abordar segurança alimentar e estimular a divulgação científica. Também devem surgir iniciativas para a formação profissional com base na tríade conhecimentos, habilidades e atitudes.

Conclui-se que desafios não devem ser descartados apenas por parecerem quixotescos ou utópicos demais, pois a internet tem um imenso poder de projetar resultados. O princípio de pensar globalmente e atuar localmente pode resultar em frutos surpreendentes de alcance muito maior do que inicialmente pretendido. Ao se preocupar com a sua comunidade circundante, com a precisão e com a acessibilidade da informação científica, o Grupo PET Ciências pode ter salvado vidas de possíveis vítimas da COVID-19 e chegou ao Senado Federal para combater a desinformação e uma gestão temerária dessa doença em escala nacional. O PET existe para proporcionar experiências e oportunidades a alunos engajados e curiosos, que estão dispostos a se doar para aprender e possuem sempre determinação e comprometimento com o novo, a fim de poder complementar e construir seu próprio futuro e carreira com o auxílio do grupo e do tutor.

Toda a sapiência adquirida por um acadêmico que foi ou é PETiano será motivo de novas portas abertas e de grandes progressos em relação à bagagem universitária, promovendo também ferramentas essenciais para o mercado de trabalho e futuras experiências a serem adquiridas. O PET promove o senso crítico e raciocínio científico individual, sem deixar de lado o âmbito do trabalho em grupo, oferecendo ao discente a oportunidade de desenvolver na prática o necessário para o êxito dentro do seu curso e da vida. Ter tomado parte nesse processo fez com que o grupo se percebesse como sujeitos atuantes na transformação da sociedade brasileira, capazes de trazer um significativo impacto positivo à

sociedade e tendo como ferramenta apenas o raciocínio crítico, a vontade de fazer a diferença e um celular com acesso à internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOUZHR, Carla; BOERMA, Ties. Health information systems: the foundations of public health. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 83, p. 578-583, 2005.

AGLOMERADOS SUBNORMAIS. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em 1 de jul. de 2021.

ALMEIDA, Raquel de Q. Fake news: arma potente na batalha de narrativas das eleições 2018. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 2, p. 9-12, 2018.

AUXÍLIO EMERGENCIAL 2021. **Caixa**, 2021. Página do Auxílio Emergencial. Disponível em: <<https://www.caixa.gov.br/auxilio/auxilio2021/Paginas/default.aspx>>. Acesso em 1 de jul. de 2021.

BOVET, Alexandre; MAKSE, Hernán A. Influence of fake news in Twitter during the 2016 US presidential election. **Nature communications**, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2019.

DE, Ntese. **IBGE - Síntese de Indicadores Sociais**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101760.pdf>>. Acesso em 1 de jul. de 2021.

EDUCA, R I O D A; EDUCA, Secretaria D E. Coordenação Geral De Relações Acadêmicas De Graduação Programa De Educação Tutorial - Pet. , p. 1-25, [s. d.].

ESCOBAR, Herton. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. **ComCiência e divulgação científica**, p. 31, 2018.

FAUCI, Anthony S.; LANE, H. Clifford; REDFIELD, Robert R. Covid-19 – Navigating the Uncharted. **New England Journal of Medicine**, vol. 382, no. 13, p. 1268-1269, 2020.

GOERGEN, Pedro. Educação instrumental e formação cidadã: observações críticas sobre a pertinência social da universidade. **Educar em Revista**, p. 59-76, 2010.

KALSNES, Bente. Fake news. In: **Oxford Research Encyclopedia of Communication**. 2018.

KIM, Seoyong; KIM, Sunhee. The Crisis of public health and infodemic: Analyzing belief structure of fake news about COVID-19 pandemic. **Sustainability**, v. 12, n. 23, p. 9904, 2020.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª A 4ª série). **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª Série)**, vol. 1, p. 126, 1997.

Ministério da Saúde confirma primeira morte por coronavírus no Brasil. **PebMed**, 2020. Disponível em: <<https://pebmed.com.br/ministerio-da-saude-confirma-primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil/>>. Acesso em 16 de jun. de 2021.

NACIONAL, XXIV Encontro. ANAIS DO EVENTO XXIV Encontro Nacional dos Grupos do. 2019.

NETO, Mercedes et al. Fake news no cenário da pandemia de Covid-19. **Cogitare Enfermagem**, v. 25, 2020.

OMS declara emergência de saúde pública internacional para novo coronavírus. **Governo do Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/01/oms-declara-emergencia-de-saude-publica-internacional-para-novo-coronavirus>>. Acesso em 16 de jun. de 2021.

PERES, Ana Cláudia. **Como as periferias vêm lidando com a pandemia de covid-19, em meio aos problemas cotidianos e diante da ausência de ações governamentais**. Radis, Rio de Janeiro, N° 212, p. 20-25, mai. 2020.

PINHEIRO, Chloé. Grande estudo mostra como o coronavírus chegou e se espalhou pelo Brasil. **VEJA SAÚDE**, 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/>>. Acesso em 16 de jun. de 2021.

Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.abc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>>. Acesso em 16 de jun. de 2021.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia (São Paulo)**, n. 41, p. 31-47, 2019.

ROSA, André; LORENZETTI, Evelyne; ALECRIM, Giulia; OCOLO, Victoria. Brasil ultrapassa 400 mil mortes por Covid-19. **CNN Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/29/brasil-ultrapassa-400-mil-mortes-por-covid-19>>. Acesso em 17 de jun. de 2021.

SILVA, Marcelo Soares Pereira da; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Nuances e contornos do direito à educação na lei de diretrizes e bases da educação nacional. **Retratos da Escola**, vol. 10, no. 19, p. 393, 2017.

VELAVAN, Thirumalaisamy P.; MEYER, Christian G. The COVID-19 epidemic. **Tropical Medicine and International Health**, vol. 25, no. 3, p. 278-280, 2020.

Submetido em: junho de 2021

Aprovado em: setembro de 2021